

Tenho em mãos o livro "Tractatus Logico-Philosophicus" de Ludwig Wittgenstein editado pela Companhia Editora Nacional, e o qual representa uma tentativa de tradução empreendida por José Arthur Giannotti. Pretendo dedicar a essa tentativa uma atenção mais demorada em ocasião futura. A razão do meu interesse por ela é múltipla, e inclui como fatores os seguintes: Há anos o pensamento wittgensteiniano me preocupa. O problema da tradução em sentido amplo do termo me fascina tanto como teoria quanto como praxis. E, finalmente, considero a tentativa de traduzir uma obra de Wittgenstein uma empresa curiosamente contraditória em si mesma. A título de introdução para este artigo discutirei brevemente o problema específico de querer traduzir uma obra wittgensteiniana.

Na proposição 4.121 do Tractatus consta: "Was sich in der Sprache spiegelt, kann sie nicht darstellen". (A língua não pode exhibir aquilo que se espelha nela.) Antes de considerar esta sentença, darei a tradução oferecida pelo sr. Giannotti: "Não é possível representar o que se espelha na linguagem". Para mim este erro de tradução, ("não é possível" em vez de "a língua não pode"), é revelador, já que representa uma fuga do problema wittgensteiniano. O problema é este: uma dada língua não pode exhibir aquilo que se espelha nela. Mas possivelmente uma outra língua pode espelhar aquilo que se espelha na primeira, e assim exibí-lo? Isto seria uma justificativa para traduções como exhibições, ("Darstellungen"), de sentido. E uma tradução de uma obra de Wittgenstein seria exibição neste sentido, e portanto uma prova ou desprova de uma tese wittgensteiniana. Mas, como disse, tratarei deste problema em outra oportunidade.

O propósito do presente artigo é outro. Fiquei sobremaneira surpreso ao ler a tradução que o sr. Giannotti propõe para a primeira proposição do Tractatus. É esta: "Die Welt ist alles, was der Fall ist." (O mundo é tudo aquilo que é o caso.) O sr. Giannotti diz: "O mundo é tudo o que ocorre". Fiquei surpreso, porque creio que o sr. Giannotti falsificou o ponto de partida do pensamento wittgensteiniano tão radicalmente, que em certo sentido virou todo Wittgenstein de cabeça para baixo. Antes de procurar a demonstração desta minha afirmativa, devo dizer o seguinte. Estou consciente do problema de traduzir, e como a praxis oscila entre traduções fieis e livres. Não creio que possa haver traduções "corretas". Não menosprezo o momento criativo da tradução, que reside justamente na sua liberdade. Sou inimigo de formalismos, e não simpatizo com a preocupação mimuciosa com detalhes. De maneira que tenho, creio, espírito aberto para variações amplas entre original e tradução, e sei apreciar essas variações como contribuições valiosas. Tudo isto não me impede, no entanto, de considerar o presente caso, não liberdade, mas licenciosidade. E tentarei prová-lo.

O ponto de partida de Wittgenstein é uma atitude filosófica ~~que~~ rompe radicalmente com as atitudes objetivistas e historicistas. Para ele, o mundo não consiste nem de objetos, nem de processos. Consiste do conjunto d_e aqui-

VILÉM FLUSSER

lo que é o caso. Apenas aquilo que é o caso é um fato. As coisas não são fatos, e nem processos são fatos. Coisas e processos não passam de aspectos de certos casos. Em alguns casos coisas entram como componentes. E alguns casos se relacionam processualmente. Em outras palavras: espaço e tempo são aspectos internos daquilo que é o caso.

Devo conceder o seguinte: no Tractatus Wittgenstein elimina o espaço "objetivo" mais nitidamente, e o tempo "histórico" menos nitidamente. Mas elimina ambos com suficiente nitidez, para representar uma revolução no pensamento do Ocidente. Diz nitidamente, que os casos se dão, não no espaço "objetivo" (das coisas), mas no espaço "lógico" (das sentenças). E sugere claramente que os casos se dão, não no tempo "histórico" (das ocorrências), mas no tempo "relacional" (da persistência de situações). Esta sugestão está contida na proposição 2 do Tractatus: "Was der Fall ist, die Tatsache, ist das Bestehen von Sachverhalten". (Aquilo que é o caso, o fato, é a persistência de situações). (Nota: "Situação", em Wittgenstein, é uma maneira de objetos se relacionarem). O acento desta sentença está, obviamente, no termo "Bestehen" (persistir). Estamos diante de uma mundivisão não apenas anti-objetivista, mas ainda anti-historicista.

Nisto reside o "positivismo" wittgensteiniano. Ele parte dos fatos. Nem coisas nem ocorrências são fatos. Toda visão objetiva, e toda visão histórica, deforma os fatos. Não é positiva. Fato é apenas aquilo que é o caso. (E até isto pode ser dito apenas com certa reserva).

Pois imaginem agora a tradução que o sr. Giannotti nos oferece. Diz ele praticamente: "Tudo ocorre". Um Heráclito travestido de Wittgenstein pelo prefixo "o-" que o sr. Giannotti antepõe ao rio heraclitiano. Mas o travesti é insustentável. Pois o sr. Giannotti se vê constrangido a traduzir a proposição 2 do Tractatus, (mencionada acima), da seguinte maneira: "O que ocorre, o fato, é o subsistir dos estados de coisas". Ainda há óbvia contradição entre "ocorre" de um lado, e "subsistir" e "estados" do outro.

Suponhamos, por um instante, que Wittgenstein tivesse realmente escrito aquilo que o sr. Giannotti lhe imputa. Por exemplo: "Die Welt ist alles, was geschieht". E escutemos o que o próprio Wittgenstein teria respondido a uma proposição destas. Ele diria que "há um espírito da grande corrente da civilização européia e americana. Esta se manifesta pelo progresso." Para este espírito o mundo é efetivamente a soma das ocorrências progressivas. Mas o espírito wittgensteiniano opõe-se a isto, e "quer ficar aonde está, e quer captar sempre o mesmo". (As citações entre aspas são do prefácio às "Considerações Filosóficas", que Wittgenstein escreveu em 1930). E no próprio Tractatus diz ele em uma das proposições mais belas: "Nicht wie die Welt ist, ist das Mystische, sondern dass sie ist". (Na tradução do sr. Giannotti: "O que é místico não é como o mundo é, mas que ele seja".) Em outras palavras: o "como", o processo, a ocorrência, a história, não é aquilo que interessa no mundo. E numerosas outras citações poderiam confirmar esta atitude wittgensteiniana.

VILÉM FLUSSER

Pois bem: quais são as razões que me autorizaram a dizer tudo isto? Em primeiro lugar a consistência interna do Tractatus. Em segundo lugar, a atitude persistente em toda a obra wittgensteiniana. Em terceiro lugar a intimidade que creio ter com a língua wittgensteiniana, com sua aparente segura e profunda ironia, tão próxima da língua de Karl Kraus e de Kafka. Esta intimidade me sugere que Wittgenstein nunca teria dito "o caso", se quizesse dizer "ocorre". E, em quarto lugar, as traduções e interpretações do Tractatus que conheço. Mas confesso que estas razões podem não ser suficientes. Em tradução nenhuma razão é suficiente. O sr. Giannotti certamente terá tido as suas. Se é que o sr. Giannotti premeditou em heraclitizar o pensamento wittgensteiniano.

Não sou muito adepto da fidelidade em filosofia. O "Nietzsche" de Heidegger, por exemplo, pode não ser muito fiel ao pensamento nietzscheano, mas é uma obra extremamente valiosa. E não se diga que Heidegger não procurava traduzir Nietzsche, mas interpretá-lo. É muito difícil distinguir-se entre interpretação e tradução, e a diferença talvez seja de grau, e não de qualidade. De maneira que concedo com grande prazer o direito ao sr. Giannotti de oferecer nos um Wittgenstein interpretado, "aberto". A minha objeção é outra. A primeira sentença do Tractatus é, no original alemão, de grande originalidade. Representa uma revolução no pensamento do Ocidente. Mas na tradução do sr. Giannotti volta a ser um lugar comum, repetido pelo menos desde o tempo dos pré-socráticos até os nossos dias. De maneira que a interpretação do sr. Giannotti não enriquece, mas empobrece. E isto, creio, é um defeito. O meu critério na crítica da tradução proposta não é pois de "fidelidade" ou "correção", mas de carga informativa.

Perto do fim do Tractatus, Wittgenstein diz o seguinte: " 6.54 Der, welcher mich versteht, muss diese Saetze ueberwinden, dann sieht er die Welt richtig." (Aquele que me compreende deve superar estas sentenças, e então verá o mundo corretamente). Parafrasearei estas palavras. Aquele que compreendeu a tradução do sr. Giannotti deve superar suas sentenças, e então verá Wittgenstein, (embora talvez não corretamente, já que talvez não seja possível vê-lo corretamente). Assim aceito esta tradução: como um passo a ser superado. Mas "superado" não no sentido dialéctico, mas no sentido wittgensteiniano. Neste sentido de superação somos todos intérpretes e tradutores de Wittgenstein, inclusive o sr. Giannotti e este artigo. E neste sentido também podemos, creio, irmanar os nossos esforços.